

Doença precisa de informação

21/07/2009
o Globo

Como nenhuma lei as obriga a produzir remédios para doenças ligadas à pobreza, moléstias como a tuberculose são negligenciadas. Mas iniciativas como a do laboratório norte-americano Lilly mostram que esse negócio também tem boas práticas.

Nos últimos seis anos, depois que seu foco deixou de ser a tuberculose multirresistente, a empresa busca melhorar o acesso aos dois medicamentos que produz e o tratamento para que haja menos doentes.

Foram feitas parcerias com 18 órgãos públicos e privados, como a Organização Mundial de Saúde (OMS) e a Universidade de Harvard, para repasse da tecnologia dos medicamentos a fábricas de genéricos em países com maiores índices da doença, como África do Sul e Rússia.

Em seis anos a Lilly investiu R\$ 135 milhões em medicamentos, tecnologia e treinamento de profissionais de saúde para prevenção da tuberculose em mais de 60 países.

Como no Brasil os medicamentos para tuberculose são produzidos por laboratórios públicos com recursos federais e distribuídos gratuitamente - ano passado 84 mil pacientes com tuberculose foram atendidos pelo SUS -, a parceria da Lilly acontece nos treinamentos: já foram capacitados 60 profissionais.

- Nosso maior foco agora é prevenir e educar para que as pessoas não cheguem a tomar nossos medicamentos - afirma Allan Finkel, diretor de assuntos corporativos da afiliada brasileira Eli Lilly do Brasil.

Segundo a pneumologista Margareth Dalcolmo, diretora do Centro de Referência Professor Hélio Fraga, o maior problema é que as pessoas com tuberculose abandonam o tratamento de seis meses logo após os sintomas desaparecerem, após cerca de dois meses. Por isso a doença volta mais resistente.

- Temos trabalhado para reverter isso, criando, por exemplo, um sistema de informação para o médico receber em até 72 horas os medicamentos para tratar o doente em qualquer parte do país - conta a pneumologista.

Algumas prefeituras têm aproximado o atendimento dos doentes. Na Rocinha, favela do Rio com maior concentração de doentes de tuberculose no país, a parceria envolve agentes comunitários que vão à casa dos pacientes para garantir que eles tomem as doses diárias de remédios. É gente como o pintor Miguel Lopes, que contraiu tuberculose pela terceira vez em três anos, e a vendedora Joice Pereira, que é um exemplo de como a aglomeração no local facilita a proliferação da doença: - Só na minha casa, mais cinco pessoas ficaram doentes este ano - conta Joice.

Há 193 pessoas em tratamento na Rocinha e a procura tem sido espontânea devido à conscientização feita em escolas.

O resultado é tão bom que agentes e enfermeiros na favela receberam em março uma doação da Lilly de US\$ 50 mil, 10% de todo o investimento que a empresa deve fazer no Brasil este ano.

- Antes do programa de tratamento na Rocinha, a taxa de cura de tuberculose lá era de 70% e havia 20% de abandono dos pacientes. Hoje a taxa de cura é de 87% e 3,8% de abandono, superando as metas do Ministério da Saúde - comemora Elizabeth Soares, gerente do programa.

O Brasil é apontado como exemplo de tratamento, mas precisa melhorar ainda no que se refere ao tratamento de pacientes com Aids. Segundo Ezio Távora, do Grupo Pela VIDDA, 20% dos portadores de HIV no Brasil têm ou já tiveram tuberculose.

- O correto seria todo paciente com tuberculose ser testado para HIV e vice-versa, o que não acontece - alerta Ezio.